

## JORNALISMO E HISTÓRIA – INTERCONEXÕES

**Hipólito da Costa, Repórter Precoce**

**José Marques de Melo<sup>1</sup>**

email: jodmelo@usp.br

### **Sumário**

Perfil de Hipólito da Costa, integrante da geração que implantou o jornalismo brasileiro. Sua atividade precoce como repórter privilegiou a divulgação científica e tecnológica. Além de reconstituir sua trajetória pioneira, pretende-se analisar a natureza do trabalho informativo por ele realizado, no final do século XVIII. Durante viagem aos Estados Unidos da América, ele identificou inovações suscetíveis de transferência para o Brasil e Portugal.

**Palavras-chave: Divulgação Científica, Jornalismo Brasileiro. Reportagem. História. Biografia.**

---

### **Resumen**

Perfil de Hipólito da Costa, miembro de la generación responsable por la implantación del periodismo brasileño. Su actividad precoce como reportero ha privilegiado la divulgación científica y tecnológica. Además de reconstituir su trayectoria pionera, se intenta evaluar la naturaleza del trabajo informativo que él realizó a finales del siglo XVIII. Durante viaje a los Estados Unidos de América, él ha hecho el reconocimiento de innovaciones posibles de transferencia para Brasil y Portugal.

**Palabras-clave: Divulgación Científica. Periodismo Brasileño. Reportaje. História. Biografía**

---

### **Abstract**

---

<sup>1</sup> Professor Emérito de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é Titular da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, na Universidade

Profile of Hipólito da Costa, member of the generation responsible for the Brazilian Journalism construction. His early activity as reporter put emphasis in the diffusion of science and technology. The aim of this paper is to explain his trajectory as a pioneer, and at the same time to estimate the nature of the information work accomplished by him. At the end of XVIII century, he traveled throughout the USA, in order to discover innovations to be transferred to Brazil and Portugal.

**Key-words: Scientific Diffusion. Brazilian Journalism. Reporting. History. Biography**

---

## 1. Introdução

Hipólito José da Costa Pereira é considerado o fundador do Jornalismo Brasileiro por sua atuação como editor do mensário “Correio Braziliense” (1808-1822). Trata-se de publicação essencialmente política, que abriu espaço para a informação de natureza científica, quase sempre divulgando fatos e idéias gerados na Europa e considerados relevantes pelo jornalista para aplicação no Brasil.

No entanto, antes disso, Hipólito da Costa realizou uma missão diplomática a serviço da Coroa Portuguesa, com a finalidade de observar a economia agrícola norte-americana, discernindo quais inventos científicos e inovações tecnológicas eram factíveis de transplantação para o Brasil, então Colônia de Portugal na América. A memória dessa missão foi preservada sob a forma de Diário de Viagem, prenunciando a vocação do repórter que o autor desenvolveria dez anos depois em seu periódico.

Ele faz um registro arguto do alvorecer da Ciência & Tecnologia na jovem nação norte-americana. Demonstra capacidade de percepção das invenções científicas e dos processos de difusão coletiva vigentes naquela sociedade, ao mesmo tempo em que faz referências ao contexto colonial europeu.

Este trabalho pretende analisar as estratégias jornalísticas empregadas por Hipólito da Costa para desvendar o panorama científico dos Estados Unidos da América no final do século XVIII, justificando sua condição de precursor do Jornalismo Científico no Brasil.

## 2. Contrastes e controvérsias

Em contraste com a América Hispânica, cujo Jornalismo floresceu durante o período colonial, iniciando-se em 1722 com a circulação da *Gaceta de Mexico y Noticias de Nueva España*<sup>2</sup>, o Brasil só presenciaria a imprensa periódica e consequentemente a circulação de notícias tipográficas no início do século XIX, quando a Corte Lusitana se transfere para o Rio de Janeiro, convertendo sua antiga colônia americana em Reino Unido a Portugal. (MARQUES DE MELO, 1973, p. 65-83)

Os governantes portugueses, acantonados no Brasil durante o período de ocupação da Península Ibérica pelas tropas de Napoleão Bonaparte, providenciaram a instalação de prelos e tipografias, ensejando a circulação do primeiro jornal em língua portuguesa na América - a *Gazeta do Rio de Janeiro*, editada pelo Frei Tibúrcio José da Rocha. (BAHIA, 1990, p. 9-22) Precedendo esse jornal oficialista, que sofre as penas da censura estatal, Hipólito José da Costa lançara em Londres e enviara clandestinamente ao Brasil o jornal *Correio Braziliense*, considerado o mais antigo periódico brasileiro, pelo sua natureza independente e pelo seu caráter noticioso. (RIZZINI, 1946, p. 341)

A controvérsia sobre o fundador do Jornalismo Brasileiro constitui um capítulo inconcluso da História nacional<sup>3</sup>. Durante mais de meio século, prevaleceu a versão de que essa honra cabia ao Frei Tibúrcio José da Rocha, uma vez que o Presidente Getúlio Vargas oficializara a comemoração do Dia da Imprensa na data de lançamento da primeira edição da *Gazeta* (10 de

---

<sup>2</sup> Segundo Clemente CIMORRA - *Historia del Periodismo*, Buenos Aires, Editorial Atlantida, 1946, p. 109/111 - existem evidências de atividades informativas na Colônia Espanhola desde o fim do século XVI. Contudo, tais iniciativas não configuram o exercício regular do Jornalismo, o que viria a existir somente no século XVII. Ele registra o aparecimento de uma folha de notícias impressas em Lima, já no ano de 1594. Mas o primeiro jornal data de 1722, editado na cidade do Mexico pelo sacerdote Juan Ignacio Castorena Arzúa y Goyenneche, posteriormente alçado à condição de Bispo de Yucatan.

<sup>3</sup> Hipólito da Costa chegou a figurar como personagem maldita do Jornalismo Brasileiro, de acordo com resolução do VII Congresso Nacional de Jornalistas, realizado no Rio de Janeiro, em 1957. Os participantes daquele encontro aprovaram com louvor a tese de Fernando Segismundo (atual presidente da ABI - Associação Brasileira de Imprensa) denominada “Hipólito da Costa, jornalista venal”, cujo enunciado era o seguinte: “Hipólito da Costa é falso ídolo, e deve tombar do alto pedestal a que o elevou a admiração fácil de seus ingênuos concidadãos”. (SEGISMUNDO, 1962, p. 167-190)

setembro de 1808). Agora no limiar do novo século, o Congresso Nacional aprovou projeto de lei, sancionado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, atribuindo essa primazia a Hipólito José da Costa, cujo *Correio* teve o seu primeiro número datado de 1 de junho de 1808. A partir do ano 2000, a celebração do Dia da Imprensa passou a coincidir com aquela data. (MARQUES DE MELO, 2000, p. 78/79)

Há, contudo, analistas que rejeitam as duas hipóteses anteriores. É o caso de COSTA REGO, o primeiro professor de Jornalismo do Brasil<sup>4</sup>, que advoga a tese de que nosso primeiro jornalista não foi nem Frei Tibúrcio, nem Hipólito da Costa, pois suas atividades não configuram o exercício autônomo do registro dos acontecimentos e sua interpretação não partidária. O primeiro por ser um duplo funcionário: do Estado português e da Igreja Católica; o segundo por ser um político organicamente vinculado ao capitalismo britânico, também comprometido com os interesses da Maçonaria. Na opinião do referido estudioso, o primeiro jornalista brasileiro foi o publicista Tavares Bastos. (MARQUES DE MELO, 200<sup>b</sup>) Seu argumento é o de que ele militou na imprensa do Segundo Reinado, rompendo as amarras partidárias ou governamentais que desfiguravam os escritos dos homens públicos até então responsáveis pelo registro dos fatos e seus comentários nas páginas dos jornais e revistas brasileiros. (COSTA REGO, 1952, p. 22-28)

Deixando de lado essa controvérsia sobre o patrono do Jornalismo Brasileiro, a merecer estudos mais rigorosos e sistemáticos por parte dos historiadores da mídia nacional, não existe dúvida sobre a natureza informativa do trabalho realizado por Hipólito José da Costa desde os seus tempos de juventude. Tanto assim que o seu biógrafo e exegeta Barbosa Lima Sobrinho não hesita em apontá-lo como “o mais brasileiro dos nossos jornalistas”. Sua justificativa, fundamentada na coerência e lucidez do jornalista, é plausível, convincente e difícil de ser refutada.

“E não se pode negar que, do primeiro ao último número do *Correio Braziliense*, há uma admirável linha de coerência, imutável e lúcida. Como se houvesse, de um lado, o campo das

---

<sup>4</sup> Competente secretário de redação do diário “*Correio da Manhã*”, Costa Rego foi convocado pelo secretário de educação do Rio de Janeiro para implantar a primeira cátedra de Jornalismo do país, criada na Universidade do Distrito Federal, em 1935. Em suas aulas ele dissemina teses inovadoras sobre o Jornalismo Brasileira, algumas das quais estão contidas nos livros publicados ou nos artigos escritos para o referido jornal da antiga capital federal.

idéias efêmeras e provisórias ou das impressões não elaboradas e, do outro, o domínio das convicções intocáveis, o que havia de decidido e permanente nas suas decisões e nos ideais. Em relação a essas convicções, não transige, não cede, não recua. A começar pelas idéias liberais, em cuja defesa ocupa sempre a linha de vanguarda. (...) A defesa da liberdade de imprensa é uma de suas religiões. (...) Não há, nos 14 anos de sua campanha, mudança de posição ou alteração de atitude. Quanto muito, uma ou outra vez, pode não concordar de todo com o julgamento de algumas personalidades. Mas Hipólito da Costa tinha por sistema não se deixar arrastar pelos aspectos de natureza pessoal. Interessava-se pela idéias, pelas atitude, pelas posições tomadas, não pelas pessoas que no momento as esposassem. (...) chamar o seu periódico de *Braziliense*, em pleno regime colonial e numa cidade estrangeira, já significava um programa e um compromisso...” (BARBOSA LIMA SOBRINHO, 1996, p. 119-120)

### 3. Trejetória do precursor

Na inscrição necrológica aposta à sua lápide tumular em Berkshire, seu amigo, o Duque de Sussex, irmão do Rei da Inglaterra, destaca a propensão científica de Hipólito da Costa, tanto por formação acadêmica quanto pela vocação difusionista.

“... um homem que se distinguiu não menos pelo vigor de sua inteligência e de sua proficiência na ciência e na literatura do que pela integridade de costumes e de caráter. Descendente de uma nobre família do Brasil, residiu neste país os seus derradeiros 18 anos de vida e daqui, pelos seus numerosos e importantes escritos, difundiu entre os habitantes daquele imenso império o gosto pelos conhecimentos úteis, a inclinação pelas artes que embelezam a vida e o amor pela liberdade constitucional, fundada na obediência às leis e aos princípios de mútua benevolência e boa vontade.” (BARBOSA LIMA SOBRINHO, 1996, p. 121)

Esse traço da personalidade jornalística de Hipólito da Costa tem sido minimizado pelos historiadores do Jornalismo Científico no Brasil. É o que assegura explicitamente Gastão Thomaz de Almeida, caracterizando como residual e periférico seu interesse pela divulgação científica.

“Se em seu *Correio Braziliense*, Hipólito da Costa tratava primordialmente de aspectos políticos e sociais e a Economia e a Ciência surgiam como consequência desses problemas, outros jornais surgidos nos primórdios de nossa imprensa, no seu estilo e de acordo com sua época, não deixavam de dar notícias de diferentes setores, entre os de caráter científico”. (ALMEIDA, 1984, p. 143)

O viés político do jornalismo praticado por Hipólito da Costa emerge com clareza na análise de discurso realizada por Bethania Mariani. Ela examinou os textos publicados no primeiro ano de funcionamento do seu *Correio Braziliense*.

“O dizer de Hipólito retoma sentidos que já há alguns séculos vêm sendo constituídos no imaginário europeu, como, ao mesmo tempo, já está re-inaugurando esses mesmos sentidos para o lugar a ser ocupado pelo *Novo Império*. (...) Podemos perceber, lendo as páginas do jornal, que está sendo construída uma versão da história”. (MARIANI, 1993, p. 38)

Que versão da história ele privilegia em seus escritos ? Percorrendo detidamente a linha de pensamento desenvolvida nas páginas do jornal, o historiador português João Pedro Rosa Ferreira conclui que ela está impregnada da ideologia burguesa.<sup>5</sup> “Este grupo vinha ascendendo progressivamente à voz política, era já um elemento determinante em mecanismos micro da circulação do poder e aspirava com urgência à partilha da área de decisões estratégicas, do vértice do sistema de poder na sociedade”. (FERREIRA, 1992, p. 30)

É justamente esse projeto político que conduz Hipólito da Costa a se engajar numa campanha por alguns considerada “tecnocrática”, pois ele procura difundir inovações agrícolas ou comerciais suscetíveis de aplicação imediata .

“Sucedem-se os artigos revelando uma profunda preocupação com o pensar do econômico, desenvolvendo não só o aspecto teórico, mas também o técnico das questões abordadas, constituindo um corpo de saber aplicado. Aí se divulgaram invenções e tecnologias,

---

<sup>5</sup> O historiador brasileiro Nelson Werneck Sodré não titubeia em considerar o jornal de Hipólito da Costa como uma espécie de correia de transmissão do ideário da burguesia inglesa. “Refletia nos seus comentários a posição da burguesia inglesa que, no processo de autonomia da área americana de ocupação ibérica, era uma em relação à

foram diagnosticadas situações e fatores de retardamento, e avançadas propostas concretas de reformas setoriais para a agricultura, a indústria, o comércio e as finanças de Portugal e do Brasil. (FERREIRA, 1992, p. 133)

Sua presumível inclinação tecnocrática não passa de um equívoco analítico. Ele tem um projeto claramente modernizante., refletindo a ampla formação científica recebida na Universidade de Coimbra. Em função disso, foi-lhe possível desenvolver um tipo de jornalismo enciclopédico e pragmático, com pretensões de natureza civilizatória.

“O que mais nos surpreende no *Correio Braziliense* é a extrema variedade de temas que o compõem e a extensão de cultura que nele revela Hipólito da Costa. Conhece e discute tudo, desde a questão do tráfico e da escravidão até o problema da mudança da capital do Brasil. Mesmo em paralelo com os periódicos que surgem no Brasil, é o melhor informado de todos eles, o que melhor conhece e discute os problemas brasileiros”. (BARBOSA LIMA SOBRINHO , 1977)

#### **4. De Coimbra a Filadélfia**

Nascido na Colônia do Sacramento, então território luso-brasileiro, mas criado em terras gaúchas, onde sua família se estabeleceu após o Tratado de Santo Idelfonso<sup>6</sup>, Hipólito da Costa fez os estudos básicos em Porto Alegre. Aos 19 anos já estava matriculado na Universidade de Coimbra, estudando Leis e Filosofia. (CASTRO, 1985, p. 11-12)

Ao se matricular em Coimbra, em 1792, Hipólito seria beneficiário da reforma curricular feita pela Universidade na sua Faculdade de Filosofia, neutralizando o viés jurídico-filosófico que a dominava até então, para dar-lhe uma orientação moderna, de natureza científico-naturalista. Tanto assim que ele estudaria as novas disciplinas introduzidas: Agricultura, Zoologia,

---

Espanha e outra em relação a Portugal, de cuja subordinação se esperava sempre soluções dos problemas de interesse britânico sem quebra da aliança”. (SODRÉ, 1977, P. 28)

<sup>6</sup> Fundada pelos portugueses em 1680, a Colônia do Sacramento, situada em frente a Buenos Aires em território hoje pertencente ao Uruguai, fez parte do Brasil até 1777. Nessa ocasião foi assinado o Tratado de Santo Idelfonso, pelo qual o governo português comprometeu-se a entregar a referida Colônia aos espanhóis. Nela havia nascido, três anos

Mineralogia, Física, Química e Metalurgia. Além da tradicional formação clássica-humanística, ele enveredaria por novas dimensões do saber, adquirindo um embasamento técnico-científico. Só depois ele se dedicaria ao estudo do Direito, diplomando-se em 1798. (DOURADO, 1957, p. 45)

Seus biógrafos são unânimes em afirmar que essa busca de uma fundamentação científico-tecnológica fora motivada pelo desejo de, regressando ao Brasil, dedicar-se à agricultura, otimizando a propriedade rural que a família possuía no hoje município gaúcho de Pelotas<sup>7</sup>.

Seus planos de retorno à terra de origem foram sendo postergados e afinal nunca se realizaram. Mas a formação acadêmica adquirida conferiu-lhe competência para a primeira atividade profissional que iria realizar, credenciando-o depois ao engajamento como funcionário do governo português.

Foi no desempenho da missão diplomática nos Estados Unidos da América, a ele atribuída pelo Conde de Linhares, que Hipólito da Costa realizou sua precoce incursão como repórter, tornando-se o primeiro divulgador científico brasileiro. Essa faceta merece registro preciso e sumário do seu principal biógrafo.

“Mal saído dos cueiros universitários, em 1798, aos 24 anos, recebeu de D. Rodrigo, então ministro da Marinha e do Ultramar, o encargo de estudar na República Norte-Americana, para aplicação no Brasil, a cultura de árvores nativas, do cânhamo, tabaco, algodão, cana, índigo, arroz e, principalmente, a da cochinilha; a formação de pastagens; a construção de pontes, moinhos e engenhos d’água; a mineração; a pesca da baleia e o preparo do peixe salgado. Do encargo, desempenhou-se acima do esperável de bacharel novato, conforme atestam os

---

antes, Hipólito José da Costa Pereira Mendonça Furtado, filho de Félix da Costa Mendonça Furtado, brasileiro de Saquarema (RJ), que se mudou imediatamente com a família para terras gaúchas.

<sup>7</sup> Ilação dessa natureza é sugerida claramente por Mecenaz Dourado (p. 46). “Começando os estudos na Universidade de Coimbra pela Faculdade de Filosofia, é provável que Hipólito tivesse em vista a futura atividade agrícola a que se iria dedicar, voltando ao Brasil e associando-se ao pai e ao tio na exploração das terras que possuíam no Rio Grande. E é de ver como, alguns anos mais tarde, depois de uma agitada vida urbana de jornalista, na maior metrópole do mundo, ele nos edifica, ao escrever ao irmão, dizendo que este bem sabia a maior inclinação que ele sempre teve pela cultura das terras.”

documentos que a respeito redigiu. Simultaneamente, o Ministro o teria incumbido de outros estudos...” (RIZZINI, 1957, p. 4)

A viagem foi iniciada no dia 11 de outubro de 1798 e concluída no final de 1800. O jovem brasileiro recebeu nomeação do governo lusitano para atuar como encarregado de negócios nos Estados Unidos. Sua missão era observar as inovações agrícolas e industriais ali desenvolvidas, verificando que aplicabilidade poderiam ter na colônia portuguesa situada ao sul das Américas.

A conjuntura histórica refletia as tensões políticas entre a França e a Inglaterra. Ela nutriu os ventos que iriam empurrar a Corte Portuguesa para o Brasil-Colônia, em retirada estratégica, acossada pelas tropas napoleônicas.

Hipólito da Costa anotou diligentemente suas impressões de viagem. Elas permaneceram inéditas até a metade do século XX, quando foram divulgadas quase simultaneamente no Brasil e nos Estados Unidos. O escritor brasileiro Alceu Amoroso Lima as descobriu em Évora, mandou copiar e publicar no Brasil, em 1955, sob o patrocínio da ABL - Academia Brasileira de Letras. Por sua vez, a Universidade da Pensylvania selecionou trechos do *Diário* e providenciou a tradução para a língua inglesa, reproduzindo-os, com prefácio do professor Robert C. Smith, na revista *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*, em janeiro de 1954. (RIZZINI, 1957, p. 4)

O livro *Diário de Minha viagem a Filadélfia (1798-1799)* contém não apenas as anotações feitas durante a permanência nos Estados Unidos, mas também a correspondência dirigida às autoridades portuguesas. Sua última carta foi escrita em 30 de agosto de 1800. De volta a Portugal ele preparou um relatório conciso, datado de 24 de janeiro de 1801, encaminhando-o ao Ministro da Fazenda de Portugal<sup>8</sup>. A íntegra de tal documento foi aqui publicada em 1858 pela *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*.

---

<sup>8</sup> Além das *Cartas*, do *Diário* e da *Memória*, Hipólito produziu 6 *Cadernos*, contendo “informações de caráter técnico acompanhadas de desenhos de plantas e aparelhos”. (DOURADO, 1957, p. 49) Tais documentos permanecem desconhecidos até agora. Sua existência é atestada tão somente pelas referências do próprio Hipólito do seu *Diário de Viagem*.

Seu *Diário de Viagem* parece mais uma reportagem investigativa do que um relato diplomático. Suas *Cartas de Ofício* se assemelham a narrativas de bastidores, permitindo ao leitor compreender o ambiente retratado. Sua *Memória*, apesar do caráter de relatório reservado, dirigido a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, assume a feição de uma reportagem científica, narrando objetivamente os fatos observados. Ele também os confronta com os conhecimentos estocados em sua bagagem cultural e faz ilações pontuais, visando orientar as políticas de desenvolvimento agrícola ou industriais cogitadas pelo governo português para o Brasil.

Tanto nesse relatório quanto no diário de viagem e assim também nas cartas percebe-se claramente a sensibilidade noticiosa de Hipólito da Costa. Seu faro de repórter está permanentemente aguçado.

Ele visita o Presidente dos Estados Unidos, John Adams, anotando com perspicácia seu comportamento público. Percorre laboratórios de pesquisa e campos de cultivo experimental, conversando detalhadamente com os cientistas e suas equipes. Acompanha o panorama político e o movimento intelectual, lendo jornais e revistas que registram os fatos e comentam os acontecimentos. Anda pelas ruas, viaja em barcos e carruagens, dialoga com pessoas comuns, diplomatas e autoridades locais, captando imagens, sensações, idéias.

### **5. Exercício jornalístico**

Nessa incursão jornalística temporã, Hipólito da Costa não se limita ao terreno noticioso, relatando o que observou e documentou, enveredando pela trilha da interpretação. Ele procura desvendar e compreender a conjuntura que se esboçava, e, sempre que indispensável, tece juízos de valor, ou seja, opina judiciosamente.

Em que medida tal exercício informativo pode ser enquadrado no universo do Jornalismo Científico ?

Hipólito da Costa produziu três distintos relatos jornalísticos durante o desempenho de sua missão nos Estados Unidos:

- a) As *Cartas de Ofício* - contendo notícias breves, tanto sobre os fatos observados quanto a respeito das dificuldades que ele vai enfrentando durante a viagem.
- b) A *Memória da Viagem* - que configura uma autêntica reportagem, enunciando as descobertas feitas e sugerindo aplicações possíveis.
- c) O *Diário de Viagem* - cuja feição assemelha-se contemporaneamente a um livro-reportagem, onde o repórter faz anotações sobre cenários e personagens, aduzindo impressões contextuais.

Os dois primeiros assumem explicitamente a natureza de informações técnico-científicas, enquanto o terceiro tem caráter mais abrangente, onde os tópicos sobre ciência e tecnologia fazem parte de um mosaico que retrata o perfil da sociedade norte-americana na fase de construção da sua identidade nacional.

Para melhor compreender o Jornalismo Científico praticado por Hipólito da Costa é indispensável situá-lo no contexto em que se desenvolveu. Seus relatos jornalísticos estão moldados de acordo com a pauta esboçada por seu editor, o Conde de Linhares, a quem ele dirige tais peças informativas.

Essa pauta foi estabelecida de acordo com os interesses do governo português que pretendia beneficiar-se dos avanços científicos e tecnológicos vigentes nos Estados Unidos, utilizando-os inclusive para alavancar a reativação das atividades agrícolas da sua colônia americana<sup>9</sup>.

Antes de viajar, Hipólito recebeu *Instruções* precisas do Palácio de Queluz sobre como deveria proceder na América do Norte.

---

<sup>9</sup> Essa conjuntura histórica foi marcada pelas tentativas da Coroa Portuguesa no sentido de adaptar-se aos novos tempos, salvando o seu colonialismo mercantil. Para tanto, era indispensável assimilar os avanços tecnológicos engendrados tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos. “O reinado de Dona Maria I e do príncipe Regente Dom João, ao contrário do anterior, beneficiou-se de uma conjuntura favorável à reativação das atividades agrícolas da Colônia: a produção de açúcar (...) valorizou-se e se expandiu, favorecida pela insurreição dos escravos em São Domingos.” (FAUSTO, 1995, p. 112-113)

“Essa comissão era para os Estados Unidos e para o México. No México, mais difícil, porque tinha que disfarçar (...) o grande objeto que levava e para o qual deveria agir com grande moderação e cautela. Tratava-se de conseguir o inseto e planta de cochinha e conhecer o modo do seu tratamento e preparo (...) ... nos Estados Unidos, ele deveria estudar a cultura e a preparação do tabaco da Virgínia e Maryland, verificando se é o mesmo que se cultiva no Brasil; enviar todas as notícias teóricas e práticas sobre esta planta (...). O mesmo deveria fazer com o linho cânhamo. Tudo que se relacionasse com a aclimação desta planta, notícias teóricas e práticas sobre a agricultura nos Estados Unidos deveria remeter logo para Lisboa, não esquecendo de relatar o que observasse sobre a cultura das batatas e das diversas plantas destinadas a prados artificiais, bem como sobre os estrumes de que mais usavam. Da mesma maneira, procederia com *acer saccharinus*, emitindo seu parecer sobre o açúcar que dá. Enfim, as observações de Hipólito deveriam estender-se a todas as árvores e arbustos de que pudesse obter sementes, com a descrição de sua cultura (...) Ainda no México, além da cochinha, deveria examinar o estado das culturas; observar as minas de ouro e prata, os métodos de sua exploração e os princípios da economia tanto pública como particular pelos quais são regidos. Ao lado da Botânica e da Mineralogia, incumbia também ao comissário o estudo das obras hidráulicas seja na navegação dos rios, seja na dos canais, e das máquinas respectivas. De tudo isso, procuraria dar a melhor conta que pudesse”. (DOURADO, 1957, p. 47-48)

Ele cumpre fielmente a pauta que lhe foi dada, sintetizando os resultados de suas observações de campo na reportagem-memória entregue ao Ministro Sousa Coutinho no dia 24 de janeiro de 1801. Seu relato é precedido de um roteiro de viagem, prosseguindo com a descrição da sua metodologia de trabalho, para, finalmente, dar resposta aos quesitos propostos pelas autoridades lusitanas. (COSTA PEREIRA, 1858, 317)

## 6. Agenda noticiosa

O que, o repórter observou ? Como e onde ?

*“Três pontos atraíram principalmente a minha atenção nestas viagens, como os principais objetos da minha missão: 1º., a cultura do tabaco; 2º., a cultura do linho cânhamo; 3º. as árvores cultivadas pelos Americanos. Porém em cada um dos estados me apliquei a observar mais particularmente o gênero de cultura e os artigos principais que formam a base do produto do país. Assim em Massachussets e resto da Nova Inglaterra, os prados, as crias de gado e as pescarias; em Connecticut e outros estados ao longo do mar até Chesapeack, o trigo, milho e outros cereais; em Mariland, e Virginia tabaco; nas Carolinas do Norte as fábricas de breu e pez, as madeiras, etc.; na Carolina do Sul e Geórgia., o arroz e algodão; e finalmente nas terras adjacentes ao Mississipi e seus ramos o cânhamo e minerais. E entrei ao mesmo tempo tudo quanto pude nos princípios de economia tanto pública como particular de cada um destes ramos; procurando saber os motivos e fins do Governo em todas as operações mercantis, no que achei bastante que aprender principalmente na administração das Alfândegas, direitos de importação e tonelada, e outros regulamentos da marinha mercantil, e rendas públicas; compilando para isto todos os documentos autênticos que é possível obter. Por quanto ainda em alguns destes pontos parecessem estranhos à minha comissão, contudo julguei próprio preparar-me para responder a quaisquer questões que sobre ela V. Exa. houvesse por bem fazer-me”.*  
(COSTA PEREIRA, 1858, p. 317)

Na seqüência, ele resume com clareza, precisão e amplitude os dados colhidos sobre cada elemento , agregando, sempre que necessário, observações a respeito da utilidade de tais conhecimentos ou da sua aplicabilidade. Vejamos, por exemplo, o relato sobre a cultura do algodão:

*“Na viagem pelos Estados Meridionais foram o algodão e o indigo que me ocuparam principalmente. A cultura do algodão que data de uma época muito recente nos Estados Unidos, cresce todos os dias a passos agigantados, e promete ao agricultor uma riqueza quase incrível. O coronel Wade Hamptomn, na Carolina do Sul, fez o ano passado 18.000 libras esterlinas de lucros no algodão de suas plantações. Quatro espécies são as que se cultivam na Georgia e Carolina - Gossipum herbaceum - hirsutum - barbadense - aroboreum - e os Americanos apresentam diferentes espécies no mesmo terreno até acertar com a que se dá melhor. Esta planta é alternada e algumas vezes plantada justamente com o mais; e o algodão produzido na*

*beira do mar e ilhas adjacentes às costas da Geórgia é o que tem maior valor no comércio. Indaguei a respeito desta cultura tudo quanto me foi possível, não só sobre o modo de preparar e adubar as terras, escolher as sementes, tratar as plantas e moléstias a que são sujeitas, com os curativos que se lhe tem descoberto; mas também procurei obter todas as noções que podem conduzir ao cálculo provável do rendimento e despesas, máquinas para descaroçar, etc., etc.; e não duvido que a exposição destes fatos seja agradável e interessante aos nossos agricultores no Brasil”. (COSTA PEREIRA, 1858, p. 321)*

Na verdade esse documento compila e ordena os relatos encaminhados previamente ao Ministro, durante a estância do repórter nos Estados Unidos e que estão contidas nas cartas noticiosas reproduzidas em apêndice ao *Diário da viagem a Filadélfia*. Nelas, Hipólito designa seus informantes, geralmente pessoas dignas de credibilidade científica, cuja confiança ele conquistou facilmente. É o caso das sementes de árvores:

*“Tenho a honra de remeter (...) uma caixa de sementes com mais de 200 espécies, que formam uma bela coleção das plantas notáveis desta país...(…) Estas sementes me foram principalmente procuradas por Mr. W. Hamilton, um curioso de botânica em Filadélfia, que tem muitas e diferentes plantas na sua estuda e jardim. (...) Fui, também, informado, que na Jamaica há a árvore do pão, trazida para aí pelos ingleses de Otahito; não pude saber se é o Zamia caffra, que Tumberg achou na cafraria, e a que chamam Bread-tree, ou a Radamachia a que os ingleses na Índia chamam de Bread-fruit, ou, finalmente, se é o Arto carpus de Linneu; mas tenho bastantes razões para supor que é este último, segundo as informações que me deram, o qual é sumamente próprio para o clima do Brasil. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 239)*

Sua observação científica não se limita aos itens prescritos nas instruções que lhe foram entregues antes da viagem. Ele demonstra liberdade de iniciativa e curiosidade aguçada. Sempre que algum elemento lhe parece inovador e de interesse público, ele trata de compreender e relatar. Nesse sentido, é interessante a notícia que escrever sobre saúde pública.

*“Remeto mais a V. Exa. uma coleção de panfletos que contém alguns papéis publicados aqui sobre as coisas das moléstias epidêmicas e seus preservativos. O primeiro folheto é uma*

*indução de fatos deduzida da história das febres amarelas, que tanto vezam este país, para provar que o setpon e suas combinações com diversas substâncias constituem a matéria da peste. O segundo, se dirige ao mesmo fim, e deduz as provas da história de outras moléstias. O terceiro é a compilação das leis de New York que proibiam as manufaturas de sabão e velas de sebo na cidade como nocivas à saúde dos habitantes”.* (COSTA PEREIRA, 1955, p. 250)

## **7. Fontes de informação**

Para levar a cabo seu trabalho de repórter Hipólito da Costa recorreu a diversas fontes de informação, valendo-se especialmente de cientistas, com as quais estabeleceu relações de amizade e de respeito intelectual.

“Nesta missão Hipólito teve oportunidade de travar conhecimento com vários cientistas e eminentes personalidades americanas e estrangeiras. Algumas desta relações tiveram certa freqüência não só pessoal, de repetidas visitas, como de correspondência, pelo apreço científico que ele despertou. Tais foram as que manteve com o naturalista William Hamilton, com John Bartram, com Humprey Marshall, com Carles Wilson Peale, com o Dr. Mitchell, etc.” (DOURADO, 1957, p. 59)

No *Diário de Viagem* ele revela como cultivou adequadamente suas fontes de informação.

As principais podem ser caracterizadas como cientistas amadores, ou seja, pessoas ávidas de conhecimento que fazem experimentos em laboratórios domésticos. Alguns deles são agricultores que denotam perspicácia investigativa, retirando da experiência acumulada lições práticas para seus cultivo.

*“1799, Janeiro, 2 - Hoje, fui fazer uma visita ao grande botânico que aqui há, John Bartram (...) que mora na sua pequena herdade, 5 milhas distante Filadélfia, em Kingssessing, além do rio Schuylkill; achei em casa só sua filha que terá 15 anos, e que me recebeu ao pé do seu fogão, onde ela estava cosendo, e eu lhe disse que procurava seu pai. Respondeu-me, com toda a afabilidade que esperasse por ele pois não tardaria, e como efeito veio daí a meia-hora;*

*nesse espaço, conversou comigo em coisas de geografia, a que deu motivo um livro desta ciência, que vi sobre o fogão; passamos, depois, a falar sobre botânica, no que ela não era hóspeda, pois eu sabia os nomes de muitas plantas e lhe aplicava o nome sistemático do Lineu, sobre cujo sistema também falou, com exatos, ainda que limitados, conhecimentos. Depois veio seu pai que tinha estado trabalhando e, quando eu esperava um cavalheiro, achei um pobre campônio muito mal vestido com um grande casacão, mas muito remendado, uma botas velhas do campo; com maneira assaz grosseiras, inda que sumamente afáveis; e vinham com ele seus dois filhos, um de 12, e outro de 20 anos, que traziam às costas, cada um deles, a sua enxada, pois vinham do trabalho. Sentamo-nos todos ao redor do fogo, e como vi juntos quatro botânicos, com os rudes costumes do campo, mas com instrução suficiente, me demorei até à meia noite, passando com esta pequena família a melhor tarde que tenho passado na América. Mostrou Bartram os desenhos de plantas feitos pelo seu filho mais novo e por sua filha, que não só estavam muito bons mas que eram de admirar em dois meninos que jamais saíram fora de sua cabana; mostrou-me o catálogo das plantas americanas que ele queria imprimir, etc., etc.” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 69-70)*

*“1799, Janeiro, 11 - Hoje, tornei a casa de Mr. Bartram que, fazendo-me um seco acolhimento ajustou comigo uma caixa de sementes por 2 ½ guinéus, e ficou de mandar”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 73)*

*“1799, Fevereiro, 24 - Hoje fui jantar na casa de Mr. Hamilton, que mora da outra parte do Schuylkyl, e que é um sábio muito apaixonado de botânica; tinha na sua muitas plantas da China e Brasi; tinha 13 espécies de sensitiva; tinha muitas de babosa; tinha uma espécie de cana de açúcar, que lhe veio de uma ilha do mar do Pacífico, e que já está cultivada nas ilhas do México: dá o duplo de açúcar e exige o mesmo trabalho que a ordinária; prometeu-me sementes, etc., etc. Farei um catálogo de todas as plantas que ele tem; tem também a árvore do chá, jambos, goiabas, etc., etc.” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 86)*

*“1799, Fevereiro, 25 - Hoje, estive em casa de Mr. Budinot, e, falando de agricultura, me disse que o *Acer saccharinum*, quando é mais velho, é mais abundante em suco, se na na idade tenra o tem tratado com o cuidado de não o esgotar demasiadamente; a razão porque quando é*

*mais velho dá mais suco é porque então tem mais ramos e folhas e por isso absorve mais da atmosfera”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 86)*

*“1799, Março, 6 - Fui à estufa de Mr. Hamilton que tinha um catálogo de perguntas para me fazer, e que escrevia as respostas que eu lhe dava”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 90)*

*“1799, Março, 24 - Jantei em casa de Mr. Hamilton; disse-me que o chamado chá da Geórgia e Carolina não era senão uma espécie de Sida, inda não descrita, e a que Mr. Bartram chamou Sides Teavides por se assemelhar na folha e ter uso do Tea ou chá. (...) Fez-me sentir que tabaco da Virginia inda não está descrito... (...) Quanto às questões das baleias, disse-me que alguns navios foram daqui pescá-las nas costas do Brasil, mas ao presente não vão; mostrou-me uma nova espécie de panos trifolium. “(COSTA PEREIRA, 1955, p. 99)*

*“1799, Agosto, 1 - Acho em Bartram um nome Tillandsi ulnea adscites, que ele aplica a uma planta, que lhe serviu de cama uma vez pela sua macieza; e eu suponho ser a mesma a que o Padre Veloso me apontou; procura-se com o nome de Tillandea usnea cujo nome aqui ninguém conhece; esta é uma planta parasítica”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 163)*

Outras fontes são personalidades publicamente reconhecidas, vinculadas do mundo acadêmico ou legitimados pela autoria de publicações significativas.

*“1799, Maio, 1 - Hoje fui apresentado ao Dr. Mitchell, o professor de química nesta Universidade, ou colégio Columbiano, que me recebeu muito bem e me deu um panfleto ... (COSTA PEREIRA, 1955, p. 129)*

*“1799, Novembro, 26 - Mr. Roxburt - suponho que nome será Roxburgh - está para publicar em Inglaterra as suas observações nas Índias Orientais, onde compreende a descrição e cultura do bicho de seda, superior a tudo quanto se tem descoberto nesta matéria; esta obra se titulará Flora Coromandeliana, e me dizem que custará não menos de 90 guinéus”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 216)*

*“1799, Setembro, 10 - Hoje, fiz uma visita ao Dr. Dexter que me satisfez muito mal todas as questões que lhe fiz; deu-me dois folhetos que contém as publicações da Sociedade de Agricultura, etc., de Massachussts; e segurou-me, o mesmo, que o Dr. Mitchell me disse de não haverem minas nos Estados Unidos e nenhuma, absolutamente, em Hampshire, com diz Morse na sua geografia, etc. etc. Disse-me que a casca mais usada nos curtumes era uma espécie de Hemlock (Pin Abies Americana), que tinha um gosto amargo, adstringente”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 188)*

*“1799, Novembro, 10 - De manhã viajamos...milhas e milhas e encontramos uma ridiculíssima aldeia. Aqui mora Mr. Junphreis Marshall, o autor do Catálogo etc.,(...) Marshall levou-nos para sua casa e começou a mostrar-nos o seu jardim, que sendo extenso, está muito mal tratado, cheio de erva, depois que ele está cego; (...) Entre outras, uma árvore açucareira que ele plantou há 22 anos, e que estava frondosa, dando uma boa sombra, e com bela vista, tinha pé e meio de diâmetro. (...) Mostrou-me um arbusto (sideretes) a que chamou, se bem o entendi, Clown-worm-wet, que disse era um grande remédio para os peitos da mulheres, quando o leite se infartava”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 206)*

Mas ele se vale também das relações diplomáticas e, através delas, ou de mediações dos próprios cientistas, conversava com viajantes que passavam pela Filadélfia, para colher dados e aferir tendências.

*“1799, Fevereiro, 6 - Hoje, estive em casa do Ministro de Espanha, que me disse algumas coisas sobre ciências naturais; segredou-me que a agricultura nos Estados do Norte, e no Canadá, estava em muito melhor pé que nos Estados do Sul; mostrou-me uma espécie de charrua inventada por Mr. Jefferson; e mostrou-me em um armário 193 espécies de madeiras das Filipinas; disse-me que Mr. Jefferson tinha trazido para a Virgínia perto de 20 variedades de arroz, etc., etc.” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 82-3)*

*“1799, Maio, 19 - Fui ao Dr. Mithcell onde me encontrei com o Dr....., um médico inglês que estive no Rio de Janeiro, e me disse que o cactus que aí observou é o opuntia coxinniliger, que há três ou quatro espécies diferentes, que foi trazida para uma das ilhas do México a planta,*

*mas que o inseto se não dava bem nela, que ele conduzira o inseto com a planta, mas que morreu com o frio. Este médico, suponho que andou em alguma frota inglesa, e parte amanhã para Inglaterra; falou-me também, da nova cana de Otahito, e com grande vantagem, e disse-me que ela era universalmente cultivada agora, mas que ele supunha não ter sido importada de Otahito mas sim das Maurícias.” (COSTA PEREIRA, 1955, p.139)*

*“1799, Novembro, 25 - Encontrei, à noite, com um almirante espanhol, em casa de Mr. Liston, chamado Mr. Donald; disse-me que havia no México um botânico chamado Jesse, ou Iensen, que estava para publicar algumas obras. Disse-me que a cochonilha se produzia na província de Guaxaba, no México...” (COSTA PEREIRA, 1955, p.215-216)*

A imprensa diária também lhe serviu como fonte de informação fidedigna. Ele assinou o jornal *Aurora*, do qual retirava informações úteis.

*“1799, Janeiro, 17,18 - Na gazeta de hoje apareceu um plano para se conduzir água para a cidade do Schuylkill e o engenheiro confessava que a natureza da terra era de filtrar, e que assim se conhecia porque a água dos poços tinha um gosto acre, que lhe provinha das comunas... (COSTA PEREIRA, 1955, p. 78)*

*“1799, Janeiro, 24 - Hoje, subscrevi a Aurora, principiando de 11 deste mês até 11 de junho, e dei 4 dólares; é uma gazeta diária que era de Benjamin Franklin Bache, um sobrinho do grande Franklin, e que mora nas mesmas casas, tendo a mesma imprensa; mas, como este é morto, a mulher continua tendo um redator irlandês.” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 80)*

*“1799, Fevereiro, 4 - Na ‘Aurora’de hoje vem um artigo sobre a viúva do General Wooster, que serve para caracterizar os americanos”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 82)*

*“1799, Novembro, 6 - Subscrevi na Aurora e paguei três meses”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 211).*

Hipólito também busca informar-se na imprensa especializada, ou melhor, em fontes legitimadas pela emergente comunidade científica norte-americana:

*“1799, Maio, 30 - Sobre agricultura há um excelente artigo no ‘Medical Repository’.* Vol. 2º, n. 3, p. 342”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 145)

*“1799, Julho, 4 - No ‘Medical Repository’ de New York, vol. 2, p. 342, se assevera que a cultura da branca (parsnip) é muito usada em Gnersney e Jersey, para mantimento dos animais, e é sumamente nutriente pela grande porção de substância sacarina que contém...”* (COSTA PEREIRA, 1955, p.150)

Ele recorreu ainda a instituições culturais: museus, bibliotecas, universidades e hospitais.

*“1798, Dezembro, 28 - Hoje vi a livraria pública instituída à custa de subscrições particulares, e que teve por motor Benjamin Franklin... (...) Vi também o Museu Peale, que é público a toda pessoa que pagar 200 rs.; consta de três pequenas salas... (...) As 3 salas são muito pequenas, os produtos estão arranjados sem ordem sistemática, nenhuma absolutamente, mas segundo a melhor simetria ou acomodação das grandezas. Os quadrúpedes são em geral muito mal empalhados... (...) A coleção de minerais é assaz diminuta...”* (COSTA PEREIRA, 1955, p. 67)

*“1799, Fevereiro, 20 - Hoje, estive na aula de Medicina, e comecei a ouvir as lições públicas do Dr. Rush, de medicina prática; a aula tinha 40 palmos de comprimento, 4 ordens de arquibancos, numa ridícula mesa, enfim, parecia uma cozinha; havia 125 estudantes e a lição constou sobre as febres amarelas. Fui, depois, à aula de anatomia; e se fez a demonstração do olho muito bem feita.”* (COSTA PEREIRA, 1955, p. 85)

*“1799, Julho, 6 - Os conhecimentos e instituições médicas desta cidade não estão muito avançados, e se pode ver uma exata conta da Faculdade de Medicina na Universidade no pamphlet que tenho, intitulado: The present state of medical learning in the city of New York,*

1797, onde se verá as relações entre a Faculdade de Medicina e o hospital da cidade”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 153)

Ora procurava municiar-se de dados úteis a seu trabalho, de acordo com a pauta pré-estabelecida.

*“1799, Fevereiro, 13 - No Museu de Peale há um búfalo empalhado, e muitas pessoas me dizem que são mais fortes, e marcham melhor que os bois; é constante que os camponeses os tem domesticado; (...) Julgo, portanto, que poderiam ser transportados para Portugal, inda que eu nunca os vi em Filadélfia”.* (COSTA PEREIRA, 1955, p. 84)

*“1799, Abril, 17 - Observei no Museu do Peale a ponte de madeira de um só arco, e lhe comprei o folheto que ele publica com a sua descrição. Observei mais duas máquinas, uma que é uma sorte de macaco para levantar pesos, e outra uma qualidade de carrinho para tirar o esterco dos currais e levá-lo para os campos...”* (COSTA PEREIRA, 1955, p. 112)

Ora tratava simplesmente de ilustrar-se, ampliando seu universo cognitivo.

*“1799, Agosto, 7 - Hoje, foi o commencement do Colégio Columbiano ou princípio dos estudos. No pátio do colégio se formou uma procissão com os professores, estudantes, pessoas que acompanhavan, e um bando de música...(...) subiu um estudante ao anfiteatro (...) e recitou uma linda oração em latim sobre a utilidade da literatura...(...) O último orador falou sobre o patriotismo...(...) no fim, todos os oradores receberam o grau de bacharel.”* (COSTA PEREIRA, 1955, p.170-172)

*“1799, Dezembro, 27 - Fui ver à sala da Sociedade Filosófica os ossos do animal desconhecido a que chamam Mammunth...(...) Um americano, Mr. Turner, o autor de uma memória sobre a marmota, me disse que esperava o verão que vem ajuntar um esqueleto inteiro deste animal...”* (COSTA PEREIRA, 1955, p. 220)

## **8. Repórter em ação**

Seu instinto de repórter transparece todo o tempo, através das anotações de fatos observados nas ruas, praças, estradas. Estivesse ele fazendo parte de um corpo editorial, em jornal e revista, e certamente os teria convertido em notícias ou reportagens.

Alguns dados ele recolhe por interesse político ou pelo impacto social que despertavam.

*“1799, Janeiro, 3-4-5- Hoje, apareceu na rua, defronte de minha casa, uma criança recém-nascida, e morta na neve. Por ocasião disso se me contou que o crime do infanticídio foi aqui muito comum há alguns anos; a razão é porque não há roda de enjeitados, e a casa de criar meninos não recebe as crianças sem alguma pessoa abonada se obrigue a pagar-lhe a educação, ou que a mãe ou pai, se declare, e como isto punha a mãe nas circunstâncias, ou de expor o seu crédito, ou expor a vida de seu filho, este último partido era sempre tomado; agora, os infanticídios tem diminuído, depois da instituição do colégio de Wilmington, que é para educação de senhoras. Uma mulher recolhida, que se acha prenhe, se ausenta para o campo, para ocultar o seu estado, e a sua família publica que se acha em Washington etc.” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 70)*

*“1799, Agosto, 22 - A febre tem-se mostrado horrorosa nestes dois dias, e o povo começa a desamparar a cidade...” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 175)*

*“1799, Outubro, 27 - Ontem, houve um grande fogo à meia-noite, e, entre muitas casas, que arderam, foi uma estrebaria onde se queimaram 17 cavalos e muitas carruagens”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 210)*

*“1799, Dezembro, 26 - Hoje se fizeram as honras funerais ao general Washington a que não assisti por não ter luto nem dinheiro para o comprar, porém tenho a descrição que foi publicada na gazeta.” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 219)*

Outros fatos prendem sua atenção pelo inusitado.

*“1799, Janeiro, 7 -.... porque em Filadélfia, e em geral no E. U., é costume, quando alguém quer despicar-se de outrem, manda por-lhe numa gazeta os fatos mais vergonhosos, que lhe sabe da vida; o outro responde do mesmo modo, e tem sucedido, algumas vezes, durar essa disputa nas gazetas um mês e mais, descobrindo uns aos outros gerações de feitos pessoais, faltas de mulheres e filhas, etc. “(COSTA PEREIRA, 1955, p. 72)*

*“1799, Janeiro, 9 - Vi um francês, de St. Mamim, que sendo um homem de boa educação na França, aprendeu na sua mocidade a tirar retratos, e disso se vale agora para se sustentar e à sua família; tira o perfil na parede pela sombra sobre um cartão vermelho, e depois enche as feições com lápis, fazendo este retrato de lápis em grande; redu-lo, depois, a pequeno, e grava em chapa...” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 73)*

*“1799, Janeiro, 25 - Hoje, veio notícia de que os negros de S. Domingos deram a morte a todos os brancos existentes na Ilha; apesar disso os franceses que aqui há e que lá mil parentes e relações deram um grande baile público”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 81)*

Mas ainda há situações pitorescas ou singulares que mereceram registro e comentários.

*“1799, Fevereiro, 25 ... Mr Budinot ... disse-me que...os índios, que vieram fazer um tratado com o Presidente (Washington), em lugar de escrever o que ouviam o marcavam com umas contas, e depois de o ter referido ao seu chefe vinham com as mesma contas ou rosários responder a cada um dos artigos, recitando com exatidão tudo quanto tinham ouvido; entre outras coisas, que disseram, sendo perguntados porque razão chamavam suas àquelas terras que eles habitavam, mas que habitavam também os brancos, responderam que ele, ou seus antepassados, as tinham recebido do autor da natureza, quando formou o Mundo, e que lhe tocaram em repartição, mas que os brancos os expulsavam delas, obrando contra a vontade do autor da natureza”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 86-87)*

*“1799, Abril, 13 - Os quakers tem o seu meeting annual, 2ª. feira, 15 de abril em Pine Street onde ajuntam anciãos de todos os meeting particulares para dar contas das transações*

*que tem feito ajuntar o dinheiro para as despesas da sociedade...” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 112)*

Seu faro esteve bem aguçado para captar e compreender as inovações científicas e tecnológicas vigentes na sociedade norte-americana.

*“1799, Janeiro, 6 - O termômetro de Reaumur chegou hoje 8 graus abaixo de zero. A razão porque por que os bois são tão gordos é porque no tempo do inverno são sustentados com farelos”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 71)*

*“1799, Janeiro, 7 - As pontes são quase todos de madeiras... (...) Estas pontes de madeira são verdadeiramente barcos flutuantes atadas umas às outras por correntes de ferro...” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 71)*

*“1799, Abril, 12 - (...) Sobre os pinhos deste país soube que o brown pin (P. Palustris) ‘muito usado na Carolina para a terebentina, breu, para as tábuas, e cascos de barril. (...) Quanto aos carvalhos o Q. Alba (white oak) é o que se supõem melhor em Pensilvânia e Carolina; e o Line oak é o mais empregado em arquitetura naval...(...) Observei no Museu de Peale a ponte de madeira de um só arco, e lhe comprei o folheto que ele publicou com a sua descrição. Observei mais duas máquinas, uma que é uma sorte de macaco para levantar pessoas, e outra uma qualidade de carrinho para tirar o esterco dos currais e levá-lo para os campos”. (COSTA PEREIRA, 1955, p.111-112)*

*“1799, Maio, 15 - New York (...) em um dos papéis de novidades desta cidade, achei que Mr. H. G. tinha escrito uma carta à Sociedade Filosófica da América, em Filadélfia, datada de 22 de junho de 1795, em que ele dava parte do método de conservar as árvores frutíferas doentes...” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 136)*

*“1799, Julho, 23 - Flórida, Geórgia. O terreno é particularmente favorável para a cultura do índigo e algodão; e nas ilhas da costa da Geórgia há grandes plantações para a cultura e manufatura destes preciosos artigos. O algodão é plantado somente pela mais pobre*

*classe do povo quanto basta para o consumo da família; plantam duas espécies: annual e o West Indian” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 156-157)*

*“1799, Setembro, 17 - ... Falei hoje com um lavrador de Georgetown em S. Carolina que me disse, que a plantação de tabaco, já era diferente da que usam aqui, porque no sul não se lhe cortam os topes, mas muitas folhas, de modo que as outras ficam grossas e densas, talvez por esta razão; disse-me o mesmo, a respeito do arroz, que o costumavam aguar com diques, que fazem nos rios onde a maré opera, mas que provam a água para saber se tem sal, porque a menor quantidade de água salgada mataria o arroz; disse-me, havia diversas qualidades de engenhos para o descascar, que todas foram inventadas 20 anos a esta parte, pois antes os não havia, e que cada vez se melhoram mais e aperfeiçoam. O algodão é uma muito proveitosa cultura porque um rapaz é tão serviçal como um homem, o que não acontece no tráfico do arroz, anil, etc. O coronel Wade Hamton espera fazer este ano 18.000 th. Esterlinas em algodão das suas plantações. Tem-se feito muitas experiências a respeito do cânhamo que dão todas as esperanças, e naquele mesmo lugar há um Mr. Dupris (se bem me lembro), que está ocupado em publicar tudo quanto é preciso (...) para o melhoramento da agricultura do país”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 196)*

*“1799, Outubro, 28/29/30 - Hoje fui examinar os aquedutos e os dois reservatórios que são muito abaixo de merecerem atenção”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 210).*

*1799, Dezembro, 8 - “Tem-se feito experiências sobre o modo de plantar batatas, e uma plantada inteira sem se cortar, e outra no mesmo terreno cortada em pedaços, como é a prática geral; o produto foi: da batata inteira, 217, um quarto delas muito grandes e o resto da grandeza ordinária; e a batata partida produziu 120.” (COSTA PEREIRA, 1955, p. 218)*

Sua preocupação constante era identificar o que seria passível de transferência e de aplicação, quer no Brasil, quer em Portugal.

*“1799, Março, 11 - Um habitante de S. Domingos (Mr. Duclos, que foi oficial do Regimento Cape-Français) me informou que não havendo naquela ilha madeira suficiente,*

*queimam nos engenhos de açúcar o bagaço da cana, e que este é muito suficiente para todos as operações que exigem o fogo; que se servem de potassa sobre as formas para torna o açúcar branco, mas que usam também do barro, como no Brasil, e me não soube dizer a diferença do uso ou do efeito; talvez lhe deitar a potassa depois de o ter clarificado com o sangue de boi, e muitas vezes de cal, a qual dizem ser boa no açúcar, em razão do alcali que se desenvolve depois no estômago. Este mesmo sujeito me asseverou que em S. Domingos se cultivava a verdadeira cochinha, e que introduzida depois de Mr. Fionvilhe por um segundo que a trouxe do México; disse-me que eram uns pequenos animais vermelhos como cabeças de alfinetes, no que me parece se engana pois que deviam parecer brancos sendo sempre coberto com uma espécie de algodão branco. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 93)*

*“1799, Março, 1 - Vi, hoje, a fêmea de búfalo, que não tinha cornos, e o estúpido proprietário não me soube dizer se aquilo era comum em todos os fêmeas-búfalos. (...) Tem as espaldas muito altas; a figura é de um boi e uma grande distância dos pleares às espaldas; a carne é igualmente boa que a do boi; a pele faz bom coiro e o cabelo se manufatura e faz um tolerável bom pano. Caleshes chama-lhe american bison”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 87-88)*

*“1799, Outubro, 1 - ...Passei a noite em casa de um Dr. Boticário (...). A planta de que tenho a casca é provável que seja a que na Jamaica chamam de Cabbage Tress, segundo as informações que deram é uma grande árvore que cresce nos montes daquela ilha”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 201)*

*“1799, Novembro, 3 - Henry Laurens obteve da Jamaica canada e meia (3/2 pintas) de semente de Guinea Grass, que na primavera de 17.. plantou em 1/4 de acre de terreno, em terra bem medíocre; a semente brotou, e em breve cobriu toda a terra com uma bela relva de 4 e 1/2 pés de alto. Desejoso de aproveitar a semente, não segou mais que um quarto, que deu aos cavalos, que o devoram com avidez. Em agosto, dividiu a raiz de um pé em 28 partes, que plantou; cada parte arraigou e produziu depois boa semente. É de opinião este sujeito que o Guinea Grass é perene, e que dava em todas as terras baixas; requer muito pouco cuidado, pois uma só grade passada por cima é bastante, depois ela toma cuidado de si mesma. Um sujeito em*

*Jamaica faz todos os anos 1000th esterlinas com um prado que tem no Guinea-Grass”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 202)*

*“1799, Novembro, 21 - Segundo as experiências de um americano, Mr. Bartram, os bichos de seda nativos da América, ou selvagens, como lhe chamam, tem qualidades superiores aos....europeus, porque: 1º., chocam os ovos mais cedo; 2º., não sofrem tão violentas moléstias como são as periódicas, que os outros sofrem por três vezes, e em que morre uma grande quantidade deles; 3º., não são afetados pelos trovões, raios e tempestades; os mansos padecem infinito com os fenômenos elétricos que acontecem na atmosfera; 4º., os casulos pesam 4 vezes mais que os casulos dos bichos mansos, o que dá a entender que produzirão maior quantidade de seda. De tudo isto resulta que se deve animar a cultura dos bichos de seda no Brasil. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 214-215)*

*“1799, Novembro, 27 - As seguintes plantas merecem ser introduzidas no Brasil: Croton sebiferum - é muito vulgar na China, e de uma incalculável utilidade pelo sebo que produz; Rheum palmatum, que se supõem ser o verdadeiro Rhuibarbaro; há muito na América, cresce em chão rico, areento e barrento, não em situações úmidas; Morus papirifera, suponho ser desta árvore (é o Confervalva rivulans, de que há grande abundância no Estado de New York) que os mr. Libingston se descobriu a fazer papel”. (COSTA PEREIRA, 1955, p. 217)*

Não escaparam também a Hipólito observações sobre a questão ecológica. Ele detecta fatos relacionados com a devastação da natureza, causando incalculáveis prejuízos ambientais. Ou identifica culturas apropriadas para disseminação em climas determinados.

*“1799, Maio, 9 - New York (...) Um observação me foi feita sobre o método de limpar as terras das matas; eles aqui no interior da campanha, destroem as árvores sem exceção de qualidade de madeira, deixam os troncos apodrecer e não arrancam as raízes enquanto verdes, porque, dizem eles, estragariam as terras, e depois de 6 ou 8 anos, quando estes troncos estão podres ou secos, se podem arrancar sem se estragar a terra, e se queimam etc., porém, a vasta quantidade de matos que tem queimado para fazer potassa e perlassa é tal, que primeiramente tem diminuído considerável quantidade de úteis madeiras, e depois tem feito secar rios; porque,*

*como muitos rios são supridos com água nos pântanos, e pequenas fontes que há pelos matos estes matos destruídos dão lugar a que o calor do sol seque a superfície da terra e diminua e as origens dos rios. Asseguram-me que muitos rios do interior da campanha, que vão desaguar ao lago Ontário e aos rios Hudson e Susquehanna, que eram capazes de admitir navegação de barcos de 100 toneladas, não em hoje mais que 2 ou 3 pés d'água". (COSTA PEREIRA, 1955, p. 134)*

*"1799, Dezembro, 18 - O Guinea gras é excelente nos climas quentes porque resiste aos calores e ao tempo seco quando todos os outros prados ardem e se queinam". (COSTA PEREIRA, 1955, p. 219)*

## 9. Conclusão

Diante das evidências aqui expostas e comentadas, dissipam-se as dúvidas sobre o protagonismo de Hipólito da Costa como o precursor do Jornalismo Científico no Brasil.

Pode-se contra-argumentar que os escritos produzidos durante e depois da viagem a Filadélfia não configuram peças autenticamente jornalísticas, pela ausência de difusão coletiva. (MARQUES DE MELO, 1972, p. 1-13) Ou seja, pela restrita circulação<sup>10</sup> ou pelo caráter de documentos diplomáticos, reservados exclusivamente para a leitura das autoridades portuguesas.

No entanto, eles estão repletos de marcas do relato jornalístico típico, propriedades que Hipólito desenvolveria anos depois, ao publicar em Londres o seu *Correio Braziliense* (1808-1822). Ali torna-se plausível o exercício do jornalismo científico, ainda que alguns analistas o rotulem (preconceituosamente) como jornalismo "tecnocrático".

---

<sup>10</sup> Pelo fato de não terem sido impressos na época em que foram produzidos, essas primeiras peças informativas escritas por Hipólito da Costa não podem ser consideradas rigorosamente como jornalísticas. Elas assumiram o formato de manuscritos, "formas embrionárias de jornais", que possuíam "atualidade", mas não tinham periodicidade estabelecida, nem tampouco recepção coletiva. "Jornalismo (como forma de comunicação coletiva)" pressupõe a "possibilidade de circulação livre", ou seja, "o acesso a quaisquer pessoas que estivessem em condições de o fazer". (MARQUES DE MELO, 1972, p. 12-13) Elas só viriam a preencher esse requisito tempos depois; a "Memória da Viagem" em 1858 e o "Diário de Viagem" e as "Cartas de Ofício" em 1955. Preferimos classificá-las, portanto, como peças de divulgação científica, antecipando-se ao jornalismo científico que ele viria a praticar no período 1808-1822 nas páginas do "Correio Braziliense", onde existe a convergência dos três elementos essenciais ao Jornalismo: atualidade, periodicidade e difusão coletiva..

Na verdade ele pratica no *Correio* uma modalidade jornalística que o vincula à ideologia do pragmatismo, procurando difundir informações utilitárias, capazes de motivar o seu emprego pelos produtores agrícolas ou industriais. Trata-se de efetivo jornalístico científico, mais orientado para a ciência aplicada, ainda que demonstre preocupação em divulgar conhecimentos básicos, sobretudo aqueles subordinados às disciplinas econômicas ou jurídicas.

As notícias e reportagens sobre o que viu e testemunhou nos Estados Unidos fazem parte de um acervo intelectual que se completaria com os trabalhos editoriais realizados no âmbito da Imprensa Régia de Lisboa, onde ele assume, no dia 31 de janeiro de 1802, o cargo de diretor literário. (CASTRO, 1985, P. 17)

Esse intenso mas produtivo período da ação difusionista de Hipólito da Costa está bem descrito por um dos seus biógrafos:

“Em janeiro de 1801, já se achava em Lisboa de regresso da América do Norte. (...) Até julho de 1802 trabalhou ativamente, colaborando na execução do programa cultural do governo do príncipe regente, d. João. Em 1800 publicou a *Descrição da árvore açucareira*, com um apêndice sobre o ginsão da América, escrito ainda em Filadélfia em agosto de 1799; *Descrição de uma máquina para tocar bomba a bordo dos navios*, também redigida naquela cidade. Traduziu do inglês e publicou, em 1801 - *Memória sobre a cronocole ou papo*, de Benjamin Barton (professor de medicina da Universidade de Pensilvania). (...) Ainda em 1801, traduziu e publicou *História do Banco da Inglaterra*, de E. Fortune. E, finalmente, os *Ensaio políticos, econômicos e filosóficos de Benjamin Rumford*, em 2 volumes, o primeiro publicado em 1801 e o segundo em 1802. Todas estas obras saíram da Imprensa Régia, Tipografia Calcolítica do Arco do Cego, de que ele foi, em curto período, um dos diretores”. (DOURADO, 1957, p. 79-81)

Reavaliando os produtos jornalísticos embutidos nos relatos que Hipólito elaborou na viagem aos Estados Unidos ou logo depois dela, concluiremos que ali está o embrião daquele jornalismo científico de “utilidade imediata” a que se refere Calvo Hernando. Carecem de difusão pública, embora estejam sintonizados com o espírito da época. Tal qual Fontenelle (século XVII),

que na França difundiu ciência, dirigindo-se “primordialmente à aristocracia, aos burgueses endinheirados e às damas da Corte” (CALVO HERNANDO, 1992, p. 24-25), Hipólito da Costa (fim do século XVIII, início do século XIX) realizou competente trabalho de divulgação científica em Portugal, ampliando o repertório de conhecimentos da sua elite dirigente.

## 10. Bibliografia

ALMEIDA, Gastão Tomaz de -

1984 - O campo de atuação do Jornalismo Científico, In: *Anais do 4º. Congresso Ibero-Americano de Jornalismo Científico*, São Paulo, Associação Brasileira de Jornalismo Científico, p. 143-158

BAHIA, Juarez - *Jornal, História e Técnica - 1. História da Imprensa Brasileira*, São Paulo, Ática

BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José

1977 - *Antologia do Correio Braziliense*, Rio de Janeiro, Editora Cátedra

1996 - *Hipólito da Costa, pioneiro da independência do Brasil*, Brasília, Fundação Assis Chateaubriand

CALVO HERNANDO, Manuel

1992 - *Periodismo Científico*, Madrid, Editorial Paraninfo

CASTRO, Terezinha de

1985 - *Hipólito da Costa - Idéias e Ideais*, 2ª. ed., Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército

CIMORRA, Clemente

1946 - *Historia del Periodismo*, Buenos Aires, Atlantida

COSTA PEREIRA, Hipólito José da

1858 - Memória sobre a viagem aos Estados-Unidos, *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, Tomo XXI, Rio de Janeiro, p. 316-328

1955 - *Diário da minha viagem para Filadélfia*, Rio de Janeiro, ABL

1955 - Cartas de Ofício, In: *Diário da minha viagem para Filadélfia*, Rio de

Janeiro, ABL, p. 225-281

COSTA REGO

1952 - *Águas Passadas*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora

DOURADO, Mecenas

1957 - *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*, 2 tomos, Rio de Janeiro,  
Biblioteca do Exército

FAUSTO, Boris

1995 - *História do Brasil*, São Paulo, EDUSP

FERREIRA, João Pedro Rosa

1992 - *O Jornalismo na Emigração - Ideologia e Política no Correio  
Braziliense (1808-1822)*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação  
Científica

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa

1993 - Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso  
jornalístico constrói memória), In: ORLANDI, Eni Puccinelli, org, -  
*Discurso Fundador - a formação do país e a construção da  
identidade nacional*, Campinas, Pontes, p. 31-42

MARQUES DE MELO, José

1972 - *Reflexões sobre temas de comunicação*, São Paulo, ECA-USP

1973 - *Sociologia da Imprensa Brasileira*, Petrópolis, Vozes

2000 - Hipólito da Costa, patrono oficial da imprensa brasileira, *Imprensa*, n.  
149, junho, São Paulo, Imprensa Editorial, p. 78-86

2000<sup>a</sup> - Costa Rego, o primeiro catedrático de jornalismo do Brasil, *Revista  
Brasileira de Ciências da Comunicação*, vol. XXIII, n. 1, São Paulo,  
INTERCOM, p. 79-117

2000<sup>b</sup> - Tavares Bastos teria sido o primeiro jornalista brasileiro, *Imprensa*,  
n. 151, agosto, São Paulo, Imprensa Editorial

RIZZINI, Carlos

1946 - *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*, Rio de Janeiro, Kosmos

1957 - *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*, São Paulo, Companhia  
Editora Nacional



SEGISMUNDO, Fernando

1962 - *Imprensa Brasileira, vultos e problemas*, Rio de Janeiro, Editora Alba

SODRÉ, Nelson Werneck

1977 - *História da Imprensa no Brasil*, 2<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro, Graal